

A TRAGÉDIA COMO “*DRAMA EM VERSOS*” NO TRATADO *A POÉTICA* (Περὶ Ποιητικῆς) DE ARISTÓTELES

Jorge Luis Gutiérrez¹

Νῦν δὲ τοῖς ἄλλοις ἀγαθοῖς ὁ ποιητὴς ἀφανίζει ἡδύνων τὸ ἄτοπον.

Os absurdos, porém, Homero os ocultou sob primores de beleza.

(Aristóteles)

Resumo: O presente artigo analisará alguns aspectos da tragédia na obra *A Poética* de Aristóteles. Serão analisados alguns termos que são fundamentais na obra de Aristóteles: medo e piedade, catarse e imitação. Também se analisará porque hoje falta no texto de *A Poética* o texto da comédia. Texto que Aristóteles tinha prometido analisar em sua obra.

Os gregos inventaram a Tragédia como gênero literário. Sófocles, Ésquilo e Eurípidos são alguns dos grandes escritores trágicos. Muitas de suas obras sobreviveram até nossos dias. Para eles a tragédia era um gênero de poesia, era “poesia trágica”, tema que foi abordado por Aristóteles em seu tratado Περὶ Ποιητικῆς, *peri poietikes*, *A Poética*.

“*Poietikes*”, é uma palavra grega relacionada com um verbo que significa fazer, elaborar, transformar. É também a palavra usada por Aristóteles para designar a terceira das áreas da divisão da ciências: as ciências “*poiéticas*”; que são as ciências da produção, do fazer determinadas coisas. Nesta área

¹ Doutor e Mestre em Lógica e Filosofia da Ciência pela UNICAMP. Atualmente é professor da Universidade Mackenzie e professor da Faculdade de Filosofia de São Bento. Especializou-se em filosofia antiga. Tem pesquisado, em diálogo com a física, temas como o acaso, a imprevisibilidade, a incerteza, a irreversibilidade e a liberdade humana. E em diálogo com a literatura, tem pesquisado as relações entre filosofia e poesia. É autor dos livros: “Fragmentos de Ternura, Filosofia e Desterro”, “Aristóteles em Valladolid” e “Inundada de Luz, poemas de amor e filosofia episódica”. É o editor da revista eletrônica “Pandora Brasil”.

entrava além do tratado “A poética”, os Tópicos, A Retórica, e o tratado sobre educação contido nos livros VII e VIII da Política. As outras duas divisões da ciência eram 1) As ciências *teoréticas* (física, metafísica, psicologia, zoologia); 2) As ciências práticas ou da ação: a ética e a política.

Ao tratar a poesia como “*poiética*”, Aristóteles está indicando que não pretende tratar do que hoje poderíamos chamar de uma crítica literária. Ele não está interessado na análise dos gêneros poéticos. Seu objetivo era ensinar a fazer algo. Ensinar a seus leitores a “fazer” poesia. Assim, podemos dizer que A Poética, como todas as ciências *poiéticas*, tem como propósito a produção de algo, neste caso de um tipo de poesia. Que na obra de Aristóteles era: a epopéia, a tragédia e a comédia.

Para Aristóteles “o poeta deve ser mais fabulador que versificador; porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações. E ainda que lhe aconteça fazer uso de sucessos reais, nem por isso deixa de ser poeta, pois nada impede que alguma das coisas que realmente acontecem, sejam, por natureza, verossímeis e possíveis e, por isso mesmo, venha o poeta a ser o autor delas” [1451b 30]. Δῆλον οὖν ἐκ τούτων ὅτι τὸν ποιητὴν μᾶλλον τῶν μύθων εἶναι δεῖ ποιητὴν ἢ τῶν μέτρων, ὅσω ποιητῆς κατὰ τὴν μίμησίν ἐστιν, μιμεῖται δὲ τὰς πράξεις. Κἂν ἄρα συμβῆ [30] γενόμενα ποιεῖν, οὐθὲν ἦττον ποιητῆς ἐστι· τῶν γὰρ γενομένων ἕνια οὐδὲν κωλύει τοιαῦτα εἶναι οἷα ἂν εἰκὸς γενέσθαι [καὶ δυνατὰ γενέσθαι], καθ’ ὃ ἐκεῖνος αὐτῶν ποιητῆς ἐστιν.

Zelia Cardoso comentando o parágrafo anterior afirma que para Aristóteles “mesmo que o poeta fale de acontecimentos reais, não deixa por isso de ser poeta” [ARISTÓTELES, 1993, *prefácio*, p. 14].

Por isso, como afirma Cardoso no prefácio da tradução de *A Poética*, o que Aristóteles quer mostrar em sua obra é que a poesia é verdadeira, séria e útil. E para fazer isso se vale de uma análise minuciosa das espécies poéticas e a “preocupação com a natureza ontológica do objeto analisado o conduz a uma exposição reflexiva e objetiva” [ARISTÓTELES, 1993, *prefácio*, p. 12]

Hans-Georg Gadamer propõe interrogar a teoria do jogo trágico, que é a poética da tragédia, sobre a essência do trágico.

“O que se espelha na reflexão sobre o trágico que se estende desde Aristóteles até o presente certamente não é uma essência imutável. Não há dúvida de que a essência do trágico é representada na tragédia ática de uma forma única - diferentemente para Aristóteles, para quem Eurípides foi "o mais trágico", e diferentemente para aquele a quem, por exemplo, Esquilo revela a verdadeira profundidade do fenômeno trágico - mas sobretudo diferente para quem pensa em Shakespeare ou Hebbel. No entanto, uma tal mudança não significa simplesmente que a questão pela essência unitária do trágico careça de objeto; antes, o fenômeno se apresenta condensado numa unidade histórica. O reflexo do trágico antigo no trágico moderno, de que fala Kierkegaard, tem estado permanentemente presente em todas as recentes reflexões sobre o trágico. Se começarmos por Aristóteles teremos uma perspectiva da totalidade do fenômeno trágico. Em sua famosa definição da tragédia, Aristóteles deu uma indicação decisiva para o problema da estética que começamos a expor; isso porque na determinação da essência da tragédia incluiu também o *efeito sobre o espectador*”. [Gadamer, p. 187]

Para Gadamer a tragédia é a unidade de um processo que é experimentado como tal. E ainda que esteja sendo mostrado no palco, é uma tragédia da vida. Por isso “é um núcleo de sentido fechado em si, que, de si mesmo, rechaça toda e qualquer intervenção e infiltração alheia”. [Gadamer, p. 188]. O fato de que o espectador é incluído na determinação da essência da tragédia é o determinante para poder afirmar uma pertença essencial do espectador ao jogo (espetáculo). [Gadamer, p. 188]

O TEXTO DE “A POÉTICA”

Para conhecer o texto “A Poética” de Aristóteles hoje temos quatro fontes básicas principais completas e uma incompleta. Destas fontes foram feitas as traduções contemporâneas do texto de *A Poética*. Elas são:

- 1) Temos um pergaminho do século X conhecido com o nome de *Parísinus graecus* 1741.
- 2) Temos a tradução para o árabe feita por Abu Bisr, na primeira metade do século X, e que servirá posteriormente para o comentário e paráfrases do filósofo árabe Averróis.
- 3) Temos a tradução latina de Guillermo de Moerbeke. Traduzida do grego por volta 1278. Esta tradução veio a ser redescoberta em 1930.
- 4) Temos um códice do século XIV, o *Riccardianus 46*.
- 5) E temos uma versão siríaca, do século IX, da qual somente conhecemos hoje o capítulo VI.

QUE TIPO DE POESIA É TRATADO EM “A POÉTICA”

Para entender “A Poética” de Aristóteles, devemos em primeiro lugar tentar compreender que tipo de poesia será analisada por Aristóteles. Não devemos pensar na poesia como a entendemos hoje. Aristóteles não tratará da poesia lírica nem melódica. Nem do tipo de poesia que escreveu Anacreonte, Safo, Simônides ou Píndaro. Nem da poesia didática de Hesíodo. Nem da elegias.

Três são os tipos de poesia que Aristóteles pretendia tratar em sua obra. A épica, a tragédia e a comédia. Mas somente tratou das duas primeiras. Sobre porque não concluiu seu plano, ou se o concluiu e está perdido, tem havido muitas discussões, algumas das quais analisaremos neste artigo no item sobre a comédia.

Para Aristóteles duas são as causas que geraram a poesia: 1) Que o homem é “congenitamente” ou “naturalmente” (φυσικαί) imitador (μιμῆσθαι) , 2) Que esse ato de imitar produz prazer (χαίρειν). Diz Aristóteles:

“Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos é ele o mais imitador e, por imitação, aprende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado.” (*Poética*, 1148b 5)

Ἐοίκασι δὲ γεννηῆσαι μὲν ὅλως τὴν ποιητικὴν αἰτίαι δύο τινὲς καὶ αὗται φυσικαί. Τό τε γὰρ μιμῆσθαι σύμφυτον τοῖς ἀνθρώποις ἐκ παίδων ἔστι καὶ τούτῳ διαφέρουσι τῶν ἄλλων ζώων ὅτι μιμητικώτατόν ἐστι καὶ τὰς μαθήσεις ποιεῖται διὰ μιμήσεως τὰς πρότας, καὶ τὸ χαίρειν τοῖς μιμήμασι πάντας.

Para Aristóteles, a imitação é própria da natureza dos homens. Porém, se a imitação e o prazer que a imitação produz, são comuns a todos os homens, eles se diferenciam por seus gostos e características individuais acerca de como realizar isso. Assim, alguns desenvolveram a tragédia e outros a comédia, e surgiram (*Παραφανεῖσης*) essas duas modalidades de poesia. Diz Aristóteles:

“Vindas à luz a tragédia e a comédia, os poetas, conforme a própria índole os atraía para este ou aquele gênero de poesia, uns, em vez de jambos, escreveram comédias, outros, em lugar de epopéias, compuseram tragédias, por serem estas últimas formas mais estimáveis do que as primeiras”. (*Poética* 1449a 5)

Παραφανεῖσης δὲ τῆς τραγωδίας καὶ κωμωδίας οἱ ἐφ’ ἑκατέραν τὴν ποίησιν ὁρμῶντες κατὰ τὴν οἰκείαν φύσιν οἱ μὲν ἀντὶ τῶν ἰάμβων κωμωδοποιοὶ ἐγένοντο, οἱ δὲ ἀντὶ τῶν ἐπῶν τραγωδοδιδάσκαλοι, διὰ τὸ μείζω καὶ ἐντιμότερα τὰ σχήματα εἶναι ταῦτα ἐκείνων.

Aristóteles assinala também uma importante diferença, entre tragédia e comédia. Embora ambas sejam imitativas, elas imitam homens diferentes:

“Pois a mesma diferença (διαφορᾶ) separa (διέστηκεν) a tragédia da comédia; procura, esta, imitar os homens piores (χειρόους), e aquela, melhores (βελτίους) do que eles ordinariamente são”. (*Poética* 1448a 15)

Ἐν αὐτῇ δὲ τῇ διαφορᾷ καὶ ἡ τραγωδία πρὸς τὴν κωμωδίαν διέστηκεν· ἡ μὲν γὰρ χεῖρους ἢ δὲ βελτίους μιμῆσθαι βούλεται τῶν νῦν.

Neste artigo não falaremos sobre a “épica”. Centraremos nossa atenção sobre alguns aspectos da “Tragédia” e concluiremos falando alguma coisa sobre a comédia e sobre se Aristóteles foi um poeta.

A TRAGÉDIA

A tragédia era um drama em versos [Barnes, 350]. Diz Aristóteles:

“É pois a tragédia imitação (μίμησις) de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes do drama, imitação que se efetua não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções.” (*Poética*, 1449b 25)

Ἔστιν οὖν τραγωδία μίμησις πράξεως σπουδαίας καὶ τελείας μέγεθος ἐχούσης, ἡδυσμένω λόγῳ χωρὶς ἐκάστῳ τῶν εἰδῶν ἐν τοῖς μορίοις, δρώντων καὶ οὐ δι’ ἀπαγγελίας, δι’ ἐλέου καὶ φόβου περαίνουσα τὴν τῶν τοιούτων παθημάτων κάθαρσιν.

Para Aristóteles a poesia trágica (a tragédia) é imitação (μίμησις). Ele explica:

“Sendo, pois, própria da nossa natureza a imitação, também o é a harmonia e o ritmo (porque é claro que os metros são parte do ritmo). Os que ao princípio se sentiram com maior inclinação natural para estas coisas, adiantando-se pouco a pouco, deram origem à poesia com obras feitas de improviso. Ora a poesia tomou diversas formas, segundo o diferente natural de cada um; porque os homens que tinham mais gravidade e elevação imitavam as ações boas e a fortuna dos bons; e os que eram de gênio humilde imitavam as ações dos maus, escrevendo ao princípio vitupérios, assim como os outros compunham hinos e encômios.” (*Poética*, 1448b 20,25)

Κατὰ φύσιν δὲ ὄντος ἡμῖν τοῦ μιμῆσθαι καὶ τῆς ἀρμονίας καὶ τοῦ ῥυθμοῦ (τὰ γὰρ μέτρα ὅτι μόρια τῶν ῥυθμῶν ἐστὶ φανερόν) ἐξ ἀρχῆς οἱ πεφυκότες πρὸς αὐτὰ μάλιστα κατὰ μικρὸν προάγοντες ἐγέννησαν τὴν ποίησιν ἐκ τῶν αὐτοσχεδιασμάτων.

Διεσπάσθη δὲ κατὰ τὰ οἰκεῖα ἤθη ἢ ποιήσις· οἱ μὲν γὰρ σεμνότεροι τὰς καλὰς ἐμιμοῦντο πράξεις καὶ τὰς τῶν τοιούτων, οἱ δὲ εὐτελέστεροι τὰς τῶν φαύλων, πρῶτον ψόγους ποιοῦντες, ὥσπερ ἕτεροι ὕμνους καὶ ἐγκώμια

Para Aristóteles “a epopéia, a tragédia, assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da aulética e as citarística, todas são, em geral, imitações. Diferem, porém, umas das outras, por três aspectos: ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam objetos diversos ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira” (Poética 1447a 15)

Outra característica da tragédia, segundo Aristóteles, é que ela suscita nos ouvintes piedade e terror (ἐλέου καὶ φόβου). Piedade é “*eleos*” (ἔλεος), que além de piedade também significa compaixão, ou a pessoa ou coisa que move à piedade ou compaixão. Terror é “*phobos*” (φόβος) que também significa fuga, escapada, espanto, medo, derrota. *Phobos* era também o deus do espanto, era o espanto personificado.

Mas esta afirmação de Aristóteles tem sido motivo de controvérsia e discussão. Assim, o especialista em Aristóteles Jonathan Barnes comenta e faz objeções à posição de Aristóteles.

“Os espectadores sentem pena e medo? Bem, de quem eles têm pena? De Édipo, se têm de alguém. Mas, segundo a explicação da pena do próprio Aristóteles, isso é impossível. Só posso ter pena de alguém se o conheço ou sei que ele sofreu alguma desventura, e apenas se ele é de alguma maneira próximo - mas não próximo demais - a mim. Eu não conheço Édipo (não ha nenhum Edipo para conhecer), e não acredito que ele sofreu alguma desventura. Mesmo que eu equivocadamente considere que Sófocles está relatando uma história sobre um rei de Tebas que existiu, não posso sentir pena: Edipo não é em nada como eu. Novamente, de acordo com Aristóteles, apenas posso ter pena de alguém se eu supuser que é provável que uma desventura semelhante suceda a mim ou a algum de meus amigos, e suceda logo. Mas não espero casar com minha mãe ou com qualquer parente próxima; não espero arrancar meus próprios olhos ou privar-me de nenhum órgão vital. Tampouco antevejo tal futuro para qualquer um de meus amigos. [Barnes, 351]

Para Gadamer, refendo-se ao efeito específico que a tragédia causa no espectador, a tradução tradicional de ἐλέου e φόβου por "compaixão" e "temor" deixa "transparecer uma tonalidade demasiadamente subjetiva". Para ele a palavra alemã *Jammer* (desolação) é um bom equivalente para *eleos*, porque não se refere a uma mera interioridade mas também à sua expressão [Gadamer, p. 188]. Também *phobos*

"não é apenas um estado de ânimo, mas como diz Aristóteles um calafrio que gela o sangue e faz tremer [Retórica, II, 13, 1389 b 32]. Pelo modo como dentro dos moldes da tragédia se fala de *Phobos* em vinculação com *Eleos*, *Phobos* significa o espanto de tremor que se apossa de nós quando vemos alguém ir às pressas de encontro a sua ruína, e tememos por esse alguém". [Gadamer, p. 188].

Assi, para Gadamer "a desolação e o temor são formas de êxtase, do estar-fora-de-si, que atestam o fascínio daquilo que se desenrola diante de nós. Sobre essas afecções de que trata Aristóteles, diz-se que é através delas que o espetáculo teatral proporciona a purificação de paixões desse gênero". [Gadamer, p. 188].

Para Aristóteles a boa ou má fortuna (ἀτυχεῖν καὶ τὸ εὐτυχεῖν) resulta naturalmente das ações que geram temor e piedade (Poética 1452a 35). Porque a piedade tem lugar a respeito do que é infeliz sem o merecer, e o terror, a respeito do nosso semelhante desditoso. Diz Aristóteles:

"Como a composição das tragédias mais belas não é simples, mas complexa, e além disso deve imitar casos que suscitam o terror e a piedade (porque tal é o próprio fim desta imitação), evidentemente se segue que não devem ser representados nem homens muito bons que passem da boa para a má fortuna - caso que não suscita terror nem piedade, mas repugnância -- nem homens muito maus que passem da má para a boa fortuna, pois não há coisa menos trágica, faltando-lhe todos os requisitos para tal efeito; não é conforme aos sentimentos humanos, nem desperta terror ou piedade." (Poética 1452b 30)

Ἐπειδὴ οὖν δεῖ τὴν σύνθεσιν εἶναι τῆς καλλίστης τραγωδίας μὴ ἀπλῆν ἀλλὰ πεπλεγμένην καὶ ταύτην φοβερῶν καὶ ἐλεινῶν εἶναι μιμητικὴν (τοῦτο γὰρ ἴδιον τῆς τοιαύτης μιμήσεώς ἐστιν), πρῶτον μὲν δῆλον ὅτι οὔτε τοὺς ἐπιεικεῖς ἄνδρας δεῖ μεταβάλλοντας φαίνεσθαι ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίαν, οὐ γὰρ φοβερὸν οὐδὲ ἐλεινὸν

τοῦτο ἀλλὰ μακρόν ἐστιν· οὔτε τοὺς μοχθηροὺς ἐξ ἀτυχίας εἰς εὐτυχίαν, ἀτραγωδίατον γὰρ τοῦτ' ἐστὶ πάντων, οὐδὲν γὰρ ἔχει ὧν δεῖ, οὔτε γὰρ φιλόανθρωπον οὔτε ἐλεεινὸν οὔτε φοβερόν ἐστιν·

Para Aristóteles isto também vale para o mito pois:

“O mito também não deve representar o malvado que se precipite da felicidade para a infelicidade. Se é certo que semelhante situação satisfaz os sentimentos de humanidade, também é certo que não provoca terror nem piedade”. (*Poética* 1453a 5)

οὐδ' αὖ τὸν σφόδρα πονηρὸν ἐξ εὐτυχίας εἰς δυστυχίαν μεταπίπτειν· τὸ μὲν γὰρ φιλόανθρωπον ἔχει ἂν ἢ τοιαύτη σύστασις ἀλλ' οὔτε ἔλεον οὔτε φόβον

Aristóteles também afirma que “O terror e a piedade podem surgir por efeito do espetáculo cênico, mas também podem derivar da *Íntima conexão dos atos*”, Ἔστιν μὲν οὖν τὸ φοβερόν καὶ ἐλεεινὸν ἐκ τῆς ὄψεως γίγνεσθαι, ἔστιν δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς τῆς συστάσεως τῶν πραγμάτων (*Poética* 1453b 5). Para ele isto último é o procedimento preferível e o mais digno do poeta.

A CATARSE

A palavra purificação corresponde a palavra grega καθάρσιος (katharsios) que tinha no grego antigo, de acordo com os dicionários, os seguintes significados: *purificação, expiação, purgante, menstruação, escamonda, alívio espiritual pela satisfação duma necessidade moral*. Assim, a palavra “katharsis” era usada em dois contextos: nos textos médicos, ela se refere à purgação (aos efeitos eméticos e laxantes); em um contexto religioso, ela se refere à purificação.

Jonathan Barnes [Barnes, 351] se pergunta se Aristóteles quer dizer que a tragédia nos livra de nossas emoções ou que ela as refina?, acrescenta que nenhum texto nos dá uma resposta clara a essa questão, e podemos perguntar-nos se qualquer uma dessas respostas é particularmente plausível como uma explicação do efeito da tragédia sobre sua plateia.

Renouvier comenta a tradução de “*katharsis*” como “purificação das paixões, com as seguintes palavras:

"A lei *da purgação* das paixões..., indicada por Aristóteles, é uma das descobertas mais profundas que lhe devemos e merece ser objeto de análise pelos modernos. Consiste, em suma, neste fato geral de a paixão ser, por assim dizer, imaginada, dissimulada, 'imitada', como dizia Aristóteles, 'no estado desinteressado', como nós dizemos..., tem a virtude de purgar a paixão; e entendo a palavra *purgar* no duplo sentido que ela permite: purificação dos elementos passionais que não são maus...; evacuação da parte pecaminosa das afecções ou do seu exercício." (RENOUVIER, *Science de la morale*, livro III, cap, XLI.) [Landane, 893]

“*katharsis*” é uma palavra usada por Aristóteles principalmente nos livros de Zoologia², ciência que ele criou, como pode ser constatado no *Index Aristotelicus*. O próprio *Index Aristotelicus*³ nos informa que é um “*bocabulum artis medicae*”.

Para Hans-Georg Gadamer é claro que com “*katharsis*” Aristóteles se refere à melancolia trágica que se assenhora do espectador à vista de urna tragédia.

A melancolia, porém, é uma espécie de alívio e de solução, onde a dor e o prazer estão misturados de uma forma singular. Como é que, então, Aristóteles pode denominar esse estado de purificação? Qual é a impureza que adere às afecções ou qual é a impureza própria das afecções e como é que isso pode ser expulso pela comoção trágica? Parece-me que a resposta seria que quando se é assolado pela desolação e pelo calafrio, isso provoca uma divisão dolorosa. Ali ocorre uma desunião com o que acontece de fato, um não-querer-ter-por-verdadeiro que se rebelava contra o horrendo acontecimento. No entanto, é justamente este o efeito da catástrofe trágica, isto é, que essa divisão se dissolve com o que é, e assim produz uma libertação geral do peito oprimido. Não somente nos livramos do fetiche onde estamos presos pelo que é desolador e espantoso desse destino único, como também, reconciliados com isso, estamos livres de tudo que nos divide daquilo que é. [Gadamer, p. 189]

² Estas obras são: *História dos Animais, Das Partes dos Animais, Do Movimento dos Animais, Da Geração dos Animais, Da Origem dos Animais*.

³ ARISTOTLE. *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta. Scholiorum in Aristotelem supplementum. Index Aristotelicus*. Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin. 1870.

Assi, para Gadamer a melancolia trágica espelha uma forma de afirmação, um retorno a si mesmo, “e quando a consciência do herói é matizada com uma tal melancolia trágica — o que não é raro na tragédia moderna —, ele próprio passa a ter um pouco de participação nessa afirmação, ao aceitar o seu destino”. [Gadamer, p. 189]

A COMÉDIA

“A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem expressão de dor.” (*Poética*, 1449a 35)

Ἡ δὲ κωμῳδία ἐστὶν ὡσπερ εἵπομεν μίμησις φαυλοτέρων μὲν, οὐ μέντοι κατὰ πᾶσαν κακίαν, ἀλλὰ τοῦ αἰσχροῦ ἐστὶ τὸ γελοῖον μόριον. Τὸ γὰρ γελοῖόν ἐστιν ἀμάρτημά τι καὶ αἰσχος ἀνώδυνον καὶ οὐ φθαρτικόν, οἷον εὐθύς τὸ γελοῖον πρόσωπον αἰσχρόν τι καὶ διεστραμμένον ἄνευ ὀδύνης.

Com essas palavras definiu Aristóteles a *comédia*. Definição que se tornou famosa na história da literatura, e que de alguma maneira marcou o destino desse gênero literário até nossos dias.

Porém, *A Poética* de Aristóteles, como a conhecemos hoje, não contém nenhum capítulo sobre a “comédia”. O livro é finalizado dum modo quase abrupto sem explicar porque a comédia não será analisada. O problema é que Aristóteles tinha dito em 1449b 20 “*da comédia trataremos depois*” (περὶ κωμῳδίας ὕστερον ἐροῦμεν). Hoje se discute se Aristóteles escreveu uma segunda parte (ou continuação) da *Poética*. Isto é, se numa obra posterior tratou sobre a comédia, gênero literário no qual teriam um lugar de destaque o riso e o prazer. Hoje a maioria dos estudiosos é da opinião de que Aristóteles sim escreveu um tratado sobre a comédia. Porém este texto foi perdido e hoje somente pode especular-se sobre sua existência. Aliás foi um bom tema para o filme *O homem da Rosa* e Umberto Eco. Sobre como pôde perder-se, há

muitas teorias. Fernando Báez⁴, fornece uma lista muito interessante das mais importantes teorias a esse respeito, que traduzo e cito a continuação:

- 1) Umberto Eco, em “O nome da rosa” (1980), propõe uma hipótese fascinante, porém falsa: sustenta que o segundo livro da Poética — sobre a comédia — foi destruído progressivamente pela Igreja em sua tentativa de deter a influência das comédias.
- 2) Jacob Bernays, baseou-se numa citação do filósofo Proclo, onde este discute os efeitos da comédia e da tragédia nas emoções humanas, para assinalar que no século V d.C., ainda podia ler-se essa obra.
- 3) Ingram Bywater escreveu que o livro sobre a comédia se perdeu quando os livros de Aristóteles estavam em rolos de papiro separados, pelo que não foram transferidos a códices.
- 4) Valentín Garcia Yebra, no prólogo da tradução ao espanhol da Poética, adverte que o segundo livro desapareceu considerando que na época helenística e romana o interesse pela comédia se dissipou e se fizeram vários epítomes que fomentaram a possibilidade de que a obra original não fosse copiada.
- 5) Richard Janko crê que *A Poética* era o último dos livros na edição das obras de Aristóteles, o que pode ter ocasionado que a falta de interesse suspendesse a reprodução e o volume desaparecesse sem deixar outro rasto que um epítome bizantino, o *Tractatus Coislinianus*, o qual, segundo ele, é nada mais e nada menos que um resumo desse segundo livro.

Fernando Báez faz uma avaliação crítica de cada uma das hipóteses enumeradas anteriormente:

“A tese de Eco, lamentavelmente, é fantástica e impossível. As proibições de comédias se aplicaram ao drama em geral e a tragédia não esteve fora dos ataques cristãos. O Sínodo Ecumênico de 691 d.C. estabeleceu numa Ata que todos estes espetáculos ficavam igualmente censurados. A posição de Bywater, é completa e insignificante: que não tenha passado a ser copiada em códice é uma alternativa tão válida como que desapareceu no incêndio da biblioteca de Alexandria, a destruição

⁴ Este texto se encontra na internet. Ver bibliografia na parte “internet”.

da biblioteca de Rodas ou os danos que ocorreram no depósito subterrâneo dos familiares de Neleo de Escépsis. O que diz Bernays é absolutamente válido: todavia no século V d.C. a obra era conhecida.

Yebra se equivoca num ponto importante: o desinteresse pela comédia também o sofreu a tragédia em Roma, devido a que se tratava de outros deuses e de outro conceito de espetáculo. Se fosse verdadeira sua idéia, toda *A Poética* tivesse desaparecido. A crença de Janko é mais interessante e talvez se aproxime mais da verdade”.

Então, porque se Aristóteles escreveu um livro sobre a Comédia, este texto não foi conservado? Fazemos nossa hipótese de Janko e de Fernando Báez: simplesmente porque não houve interesse em conservar esse texto. Da mesma maneira como hoje os livros que não despertam o interesse do público deixam de ser publicados, também a parte sobre a comédia de *A Poética*, não foi reeditada, isto é, copiada. Os textos existentes foram ficando velhos e desapareceram pela ação do tempo. Os editores (que não eram como os editores de hoje, mas, a maioria das vezes, monges que gastavam vários anos de sua vida em copiar textos), preferiram editar os textos de Aristóteles que tinham uma aceitação e interesse maior para os estudos ou a pesquisa. Assim, da Comédia somente ficaram citações e resumos, dos quais o *Tractatus Coislinianus*⁵ seria uma magnífica amostra.

FOI ARISTÓTELES UM POETA?

Finalmente, uma última pergunta: Foi Aristóteles um poeta?

Resposta: Diógenes Laértios em sua *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, nos transmitiu um poema de Aristóteles. Que sem entrar em maiores detalhes

⁵ **Tractatus Coislinianus**, é um manuscrito do século X que contém uma teoria grega de Comédia. Foi publicado em 1839 na coleção de Charles Henri du Cambout de Coislin. O tratamento que se dá à matéria marca claramente a influência de Aristóteles. Existem nele muitos pontos de paralelismo com o modelo oferecido na *Poética*. O *Tractatus* é quase com certeza uma versão resumida de um original aristotélico perdido ou um texto produzido pela tradição aristotélica. Assim, como com a tragédia, a comédia, deve trazer uma catarse, mas através do uso do riso e do prazer. A comédia inclui momentos cômicos, percalços ridículos, engano, desenvolvimentos inesperados, e danças desajeitadas. Os atores incluem impostores e palhaços. Embora a linguagem da comédia deve ser realista, pode ser usada nela, para dar mais força ao aspecto cômico, o uso de trocadilhos, gírias e malformações de palavra.

nem discussões, apresentamos a continuação. E deixamos a cada um a labor de julgar se ele era um poeta. Este poema é conhecido na história da filosofia como o “Hino à Virtude”. É foi composto em honra de seu tio Hermias.

ἀρετά, πολύμοχθε γένει βροτείω,
θήραμα κάλλιστον βίω,
σᾶς πέρι, παρθένε, μορφᾶς
καὶ θανεῖν ζαλωτὸς ἐν Ἑλλάδι πότμος
καὶ πόνους τλῆναι μαλεροῦς ἀκάμαντας·
τοῖον ἐπὶ φρένα βάλλεις
καρπὸν ἰσαθάνατον χρυσοῦ τε κρεῖσσον
καὶ γονέων μαλακαυγήτοιο θ' ὕπνου.
σεῦ δ' ἔνεχ' οὐκ Διὸς Ἡρακλέης Λήδας τε κοῦροι
πόλλ' ἀνέτλασαν ἔργοις
σᾶν ἀγρεύοντες δύναμιν.
σοῖς δὲ πόθοις Ἀχιλεὺς Αἴας τ' Αἶδαο δόμους ἦλθον·
σᾶς δ' ἔνεκεν φιλίου μορφᾶς Ἀταρνέος
ἔντροφος ἀελίου χήρωσεν αὐγᾶς.
τοιγὰρ ἀοίδιμος ἔργοις, ἀθάνατόν τε μιν αὐξήσουσι Μοῦσαι,
Μναμοσύνας θύγατρεις, Διὸς ξενίου σέβας αὐξουσai
φιλίας τε γέρας βεβαίου.

“Oh virtude!, que custas tantas fadigas aos mortais,
prêmio mais belo para a vida de um homem!
Por tua beleza, Oh virgem!,
até a morte é um destino invejável na Grécia,
e sofrer penas atroztes, incessantes.
Infundes essa coragem no espírito, imortal, superior ao ouro,
mais cara que os genitores ou o sono que enlanguesce os olhos.
Por ti Hércules, filho de Zeus, e os filhos de Leda,
suportaram muitas provações em busca de teu poder.
E ansiando por ti Aquiles e Ájax foram para a morada de Hades,
e por causa de tua imagem querida o filho de Atarneus
privou seus olhos da luz do sol.
Por isso seus feitos são dignos de cantos, e as Musas,
filhas da Memória, fá-lo-ão imortal,
exaltando a majestade de Zeus, guardião dos estrangeiros,
e a graça da amizade duradoura.”

BIBLIOGRAFIA

ARISTOTLE. Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta. Scholiorum in Aristotelem supplementum. Index Aristotelicus. Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin. 1870.

ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΗΣ. Περί Ποιητικῆς. Αρχαία Ελληνικά Κείμενα. Πλήρη κείμενα σε ηλεκτρονική μορφή.

ARISTÓTELES. Poética. Texto Bilingue grego-português. São Paulo; Ars Poetica, 1993².

LAERTIOS, Diogenes. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres. Brasília: Editora UNB. 1977.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e Método, V.1. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Vozes. 1997.

SEBASTIAN YARZA. Diccionario Griego-Español. Barcelona: Editorial Ramón Sopena. 1964.

LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARNES, Jonathan. Aristóteles. São Paulo, Loyola. 2001.

BITTAR, Eduardo. Curso de Filosofia Aristotélica. Barueri, Manole, 2003.

INTERNET:

Aristotelis opera (Volume 1) – Aristotle v. 1-2. Aristoteles Graece ex recognitione Immanuelis Bekkeri. 1831.--v. 3. Aristoteles latine interpretibus variis. 1831.--v. 4. Scholia in Aristotelem. Collegit Christianus Aug. Brandis. 1836.--v. 5. Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta. Scholiorum in Aristotelem supplementum. Index Aristotelicus. 1870.
([http://www.archive.org/search.php?sort=creator&query=\(\(contributor%3AJohns%20Hopkins%20AND%20format%3Apdf\)%20OR%20collection%3AJohns_Hopkins_University\)%20AND%20-mediatype%3Acollection%20AND%20firstCreator:D](http://www.archive.org/search.php?sort=creator&query=((contributor%3AJohns%20Hopkins%20AND%20format%3Apdf)%20OR%20collection%3AJohns_Hopkins_University)%20AND%20-mediatype%3Acollection%20AND%20firstCreator:D))

Los Escritos Perdidos de Aristóteles. Fernando Báez.
(<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/perdido.pdf>)

Adriano Milho Cordeiro, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Percursos e apontamentos sobre um olvidado "Borrador de *huma arte poética que se intentava escrever*" de D. António de Ataíde - (1564- 1647).
(http://ceh.ilch.uminho.pt/pub_adriano_cordeiro.pdf)

Introduction to Greek Tragedy, Excellent introduction by Roger Dunkle, Chair, Department of Classics, Brooklyn College, CUNY.
(<http://www.brooklyn.cuny.edu/bc/depthome/classics/tragedy.htm>)

